

UM OLHAR SOBRE A RECEPÇÃO DO TEXTO NA FORMAÇÃO DO LEITOR¹

Marilene Soares da Silva¹; Rose Mary Vieira dos Santos Amoury²

¹Autora: Graduada em Pedagogia. Mestrado em Letras, Literatura e Crítica Literária. Professora do Magistério Superior da UFT. Universidade Federal do Tocantins - Câmpus de Tocantinópolis. e-mail: marileness@uft.edu.br.

²Co-autora: Graduada em Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia. Professora.

Coordenadora de Cultura da Escola Girassol de Tempo Integral - XV de Novembro – Tocantinópolis - email: rosemaryamoury60@outlook.com.

RESUMO

O texto em questão busca refletir acerca da visão de Hans Robert Jauss sobre a relação entre obra literária, autor e leitor, com vistas a evidenciar os conceitos *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis* por ele elucidados. Tais conceitos norteiam a sua proposta de orientação para a relação entre autor, obra, leitor, para superar a leitura e interpretação, cujo critério e modelo único de leitura, centrado na imanência do texto. Com esses pressupostos, filiamos o nosso entendimento de que um mesmo leitor pode atribuir diferentes sentidos ao texto se tiver a chance de interagir com ele em diferentes momentos de sua experiência leitora. Nessa perspectiva, a leitura não se limita à decifração de signos e sinais escritos, mas constitui um ato de comunicação, posto que se dá por meio de uma ação criativa e construtiva.

PALAVRAS-CHAVE: AUTOR. LEITOR. LEITURA. OBRA LITERÁRIA.

INTRODUÇÃO

Nesta comunicação, foi realizada uma exposição teórica sobre as ideias de Hans Robert Jauss, um dos proponentes da Estética da Recepção, destacando três conceitos de sua autoria: A justificativa centra-se no entendimento da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. Esse estudo, tem como objetivo refletir *que* tais conceitos, inscritos nas ideias desse autor, podem ampliar a visão dos formadores de leitores, para além da leitura informativa. Iniciamos destacando que a Estética da Recepção assume a perspectiva do leitor, pois considera que é ele quem garante a historicidade das obras literárias. Assim sendo, o leitor é o sujeito que afiança o processo literário, vitaliza-o e lhe proporciona continuidade.

Nesse sentido, Jauss (2003) justifica que a meta de sua teoria seria a valorização da ação do leitor, uma vez que este é o responsável pela permanente atualização das obras literárias do passado. Isso se daria a partir de uma relação dialógica entre obra e leitor. Essa relação, por sua vez,

¹ Grupo de Estudos: Formação do Leitor.

não é fixa, já que, de um lado, as leituras diferem a cada época, de outro, o leitor interage com a obra a partir de suas experiências anteriores, isto é, ele carrega consigo uma bagagem cultural de que não pode abrir mão e que interfere na recepção de uma criação literária particular.

De modo que na Estética da Recepção, a leitura não se limita à decifração de signos e sinais escritos, mas é um ato de comunicação. Mais do que isso, a leitura é uma ação criativa e construtiva. Ao ler, o receptor conquista o *status* de sujeito: participa da construção histórica da obra, apropriando-se de uma das múltiplas perspectivas possíveis em seu interior.

Diante disso, (SILVA, 2013, p. 20) aborda que a “Estética da Recepção considera a obra de arte como um sistema que se define por produção, por recepção e por comunicação, tecendo uma relação dialética entre autor, obra e leitor”. Essa inversão desloca o foco do texto enquanto tal para ressaltar a relevância de uma: “personagem esquecida de quase toda a Teoria Literária – o leitor – uma fonte de energia que contribui para fazer a própria História, uma vez que “é a sua intervenção que faz entrar a obra no horizonte dinâmico da experiência”. (CRUZ, in JAUSS, 2003, p. 9).

Sendo assim, o leitor a partir da Estética da Recepção, adquire lugar de destaque no universo da leitura. Esse enfoque permite alternativas outras acerca da formação do leitor.

REVISÃO DA LITERATURA

Importa realçar que na teoria literária anterior essas perspectivas de leituras da obra eram negligenciadas, uma vez que esta centrava a interpretação na imanência do texto e, assim, em um modelo único de leitura. Preferencialmente ou totalmente, a leitura que era considerada a correta era a do especialista e este era quem desvendava a mensagem e o significado ocultos da obra. Sendo assim, a figura do leitor não era valorizada, evidência que Jauss problematiza e aponta limites que fundamentavam correntes teóricas anteriores, defendendo que:

[...] A escola formalista apenas necessita do leitor como sujeito da percepção, cuja função é a de, seguindo as incitações do texto, discernir a sua forma e descobrir os seus procedimentos. Ela atribui ao leitor a compreensão teórica do filólogo que, conhecendo os procedimentos artísticos, pode refletir sobre eles. Ao inverso, a escola marxista identifica a experiência espontânea do leitor com os interesses científicos do materialismo histórico, que pretende descobrir na obra literária relações entre super-estrutura e infra-estrutura. (JAUSS, 2003, p. 55-56).

Dessa forma, em virtude da tradicional unilateralidade, Jauss (2003, p.35), argumenta que: tanto a teoria marxista como a teoria formalista acabaram por cair numa aporia, cuja solução teria exigido que se colocasse numa nova relação a abordagem histórica e a abordagem estética. Esse contexto histórico favoreceu a mudança de paradigmas no campo literário, trazendo-as para o

debate Jauss reconhece que a historicidade da obra de arte não reside apenas na sua função representativa ou expressiva, mas também, necessariamente, no efeito que ela produz, no leitor. Assim sendo, é necessário retirar duas consequências para fundar a História da literatura sobre outras bases:

Se a vida da obra resulta, não da sua existência autônoma, mas sim da interação que se exerce entre ela e a Humanidade [...]. Noutros termos: a literatura e a arte só passam a pertencer a uma ordenação histórica organizada, quando a sucessão das obras não remete apenas para o sujeito produtor, mas também para o sujeito receptor – para a interação ente o autor e o público. (JAUSS, 2003, p. 47).

Para a estética da recepção, todo texto é uma obra em potencial, que se realiza através da ação do leitor e dos efeitos que nele provoca. Wolfgang Iser, ao propor a Teoria do Efeito Estético (1999) defende que ‘os sentidos² do texto não são fixos, intocados, gerados a partir de elementos do texto, mas sim originados na atuação do leitor. Seu sentido é construído, desconstruído e reconstruído pelo leitor à medida que ele interage com a obra (1999, p.80-84). Assim, pessoas diferentes lerão a obra de maneiras distintas, e um mesmo leitor pode atribuir diferentes sentidos ao texto se tiver a chance de interagir com ele em diferentes momentos de sua experiência como leitor.

Na Estética da Recepção, a ótica sobre o ato de ler é invertida, tendo em vista que a leitura não se limita à decifração de signos e sinais escritos, mas é um ato de comunicação. Mais do que isso, a leitura é uma ação criativa e construtiva. Ao ler, o receptor conquista o *status* de sujeito: participa da construção histórica da obra, apropriando-se de uma das múltiplas perspectivas possíveis em seu interior.

Na compreensão de Jauss (2003), a perspectiva da estética da recepção não permite apenas relacionar recepção passiva e compreensão ativa, ou uma experiência construtora de normas e a nova produção. Se se olhar a História da literatura no horizonte do diálogo entre obra e público, diálogo responsável pela construção de uma continuidade deixará de existir uma oposição entre aspectos históricos e aspectos estéticos, e poderá restabelecer-se a ligação entre as obras do passado e a experiência literária que o historicismo rompeu.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

² ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. V 2. São Paulo: Editora 34, 1999. O autor diferencia sentido e significado. Não são, portanto a mesma coisa [...]. O fato de apreendermos um sentido ainda não assegura que tenhamos um significado. (p.80). Com efeito, o significado de um sentido se revela quando este estabelece uma relação com uma determinada referência.

Essa teoria possibilita o entendimento de que o diálogo obra e público realiza-se no campo da experiência estética que, deste ponto de vista, orienta-se por três conceitos fundantes e, na visão de Jauss(1979), torna a experiência de que se trata emancipadora, na medida em que abarca três funções da ação humana na atividade estética que se relacionam entre si: a *poiesis*, a *aisthesis* a *katharsis*. A *poiesis* (ação instrumental) compreende o prazer do leitor ao sentir-se coautor da obra literária; a *aisthesis* (visão de mundo), o prazer estético advindo de uma nova percepção da realidade, proporcionada pelo conhecimento adquirido por meio da criação literária e a *katharsis* (ação comunicativa), o prazer proveniente da recepção e que ocasiona, tanto a liberação, quanto a transformação das convicções do leitor, mobilizando-o para novas maneiras de pensar e agir sobre o mundo. (p. 51.).

A leitura da obra literária, nessa perspectiva, garante essa tríade (*poiesis*, *aisthesis*, *katharsis*) a que vem referindo, haja vista que o leitor pode viajar por meio da proposta contida na obra, quando esta aciona a imaginação do leitor , apresentando-lhe histórias fantásticas, fabulosas e de mistérios.

Nessa perspectiva, o problema da experiência literária suscita interação obra-leitor-prazer estético. Para Teresa Cruz prefaciando Jauss, no livro “A literatura como provocação literária” de (2003), a relação entre obra e leitor consiste em “deslocar o problema da sua produção e representação e reconduzi-lo ao da sua recepção: a leitura – a atividade que efetivamente abre os mundos do texto, transformando-o em experiência” (CRUZ, IN JAUSS, 2003, p. 9). Ousa-se inferir que a leitura constitui experiência a partir do momento em que o leitor apreende o prazer estético. Quando a leitura toca o leitor, constituindo dessa forma, experiência, atingindo-o.

Assim delimitada, a experiência estética compreende prazer e conhecimento. O presente estudo levou-nos a entender que, quando o leitor toma conhecimento de si e do mundo, podemos recorrer a Jauss, uma vez que este salienta ter havido, nesse processo, emancipação. Palavras dele: “por meio do diálogo entre texto e leitor, a criação literária atua sobre um público proporcionando padrões de comportamento e, ao mesmo tempo, emancipando-o”. (2003, p. 62).

O horizonte interno da obra artística, objeto da atenção dos leitores em formação – docente e estudante, consegue provocar o leitor tanto para o encantamento estético como para as questões e problemas do universo mimetizado, transfigurado ou desnaturalizado artisticamente. Em suma, Jauss concebe a atividade do leitor segundo dois pontos imprescindíveis e pertinentes: o horizonte de expectativas e a emancipação, que seria, justamente, uma nova perspectiva da realidade que ampliaria seu campo de percepção, isto é, haveria a ampliação do horizonte de expectativas do leitor.

CONCLUSÃO

No entendimento das autoras deste trabalho, o essencial em Jauss, consiste no destaque que confere à interação entre autor, texto, leitor. Isso nos convoca ao exercício da compreensão de que é fundamental transpor o entendimento de que a “implicação estética consiste no fato de que a recepção de uma obra pelos primeiros leitores pode conter já uma avaliação do seu valor estético, por comparação com outras obras lidas” (JAUSS, 2003, p. 58) até porque há leitores dotados de diferentes repertórios de leitura e de visão de mundo: o horizonte do formador de leitor pode ou não aproximar-se do horizonte de seu interlocutor – o estudante.

Nesta sucinta comunicação, tivemos o propósito de advogar uma das abordagens que valoriza o leitor, porque lhe convoca para aproximar-se da obra e com ela interagir entrecruzando horizontes, tendo a leitura como um dos caminhos para o desenvolvimento da sensibilidade estética, além de caminhada rumo à emancipação cognitiva, intelectual e social.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Teresa. Prefácio in: JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 2003.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 2003.

JAUSS, Hans Robert. **A estética da recepção: colocações gerais**. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. V 2. São Paulo: Editora 34, 1999.

SILVA, Marilene Soares da. **A viagem do leitor entre a busca e o encontro: o efeito e a recepção em terra sonâmbula**, de Mia Couto. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2013.